

A construção do *ethos* discursivo na transmissão de *Quincas Borba* em apostilas de Português

Lilian Barros de Abreu Silva
Universidade de São Paulo, Brasil

Introdução

As apostilas¹ ocupam cada vez mais espaço nas salas de aulas brasileiras, tanto em escolas preparatórias para vestibulares quanto em escolas privadas e públicas de educação básica. A posição de destaque das apostilas em ambiente de ensino ganha não só importante abrangência territorial, mas, sobretudo, notoriedade na difusão de saberes, uma vez que, na maioria desses lugares, ela é utilizada como principal fonte de conhecimento, legitimando, assim, um saber seguido por alunos em seus processos de aprendizagem, e por professores em suas práticas docentes. Nesse sentido, este capítulo tem como seu objeto de análise apostilas de ensino de língua portuguesa dos Sistemas de Ensino Objetivo, Etapa, COC e Poliedro, exemplos dos principais sistemas de ensino de São Paulo e presentes também em outras regiões no Brasil.

O capítulo baseia-se na pesquisa de doutorado em desenvolvimento, que investiga a transmissão de *Quincas Borba*, de Machado de Assis, em material didático². Essa pesquisa possui três objetivos específicos: 1. fazer o levantamento e a classificação das variantes surgidas no processo de transmissão do romance *Quincas Borba*, de Machado de Assis, em material

¹ O "conjunto impresso de aulas, capítulos ou temas para uso de alunos", definição presente no Dicionário Aulete e corroborada pelo Dicionário Online de Português como "tipo impresso ou de caderno que contém a coletânea escrita das aulas, da matéria que nelas será lecionada ou que traz o conteúdo teórico do que deve ser estudado para um concurso, exame".

² Considera-se aqui livros, apostilas e textos de estudo sobre o romance *Quincas Borba*, de Machado de Assis.

didático; 2. Investigar a gênese das variantes na transmissão desse material para encontrar o motivo do surgimento dessas alterações e 3. discutir a influência dessas variantes em uma análise crítico-literária da obra e do estilo de seu autor. Para tanto, a pesquisa tem como guia a base teórico-metodológica proposta para a Crítica Textual, apresentada por Blecua (1990[1983]), Cambraia (2005), Spaggiari & Perugi (2004) e Santiago-Almeida (2011; 2021).

O *corpus* da pesquisa é composto por trinta testemunhos, assinados por coleções e por autores conceituados no sistema brasileiro de ensino, presentes em escolas privadas e públicas, e de diferentes anos de publicação, sendo o mais antigo de 1970 e o mais recente de 2019. No que se refere às apostilas, há cinco dos principais sistemas apostilados de São Paulo, sendo: duas do Objetivo, uma do COC, uma do Etapa e uma do Poliedro. Essas apostilas foram escolhidas por apresentarem textos do romance *Quincas Borba*, um dos mais importantes de Machado de Assis. Vale ressaltar que nem todas as apostilas possuem data de publicação, indicação de suas autorias e outros dados bibliográficos que ajudem em suas identificações.

Esse material foi cotejado com o que foi elegido como testemunhos-base do romance: a terceira edição de *Quincas Borba* (Assis, 1899), escolhida por ser a última com Machado de Assis vivo e supostamente com suas revisões de texto; e a edição crítica de *Quincas Borba* (Assis, 1977) da Comissão Machado de Assis, por ter a autoridade de ter sido estabelecida com a comparação de mais de um testemunho da obra.

Em uma perspectiva quantitativa, considerando o *corpus* de pesquisa como um todo, o resultado de pesquisa 1 mostrou a falta de rigor na transmissão do texto literário em material didático, pois nenhum possui qualquer tipo de esclarecimento sobre as modificações que apresenta. Foram encontradas ao todo 172 variantes, ou seja, modificações de ordem sintática (incluindo a pontuação), lexicais e morfológicas no texto que interferem substancialmente em seu conteúdo. Desse total, 47,1% dos casos foram variantes de substituição - variante presente no texto de base, mas substituída por outra no material didático; 30,8% dos casos foram variantes de omissão - variante suprimida do material didático, mas presente no texto de base; 21,5% dos casos variantes de adição - variante acrescentada no material didático e

ausente no texto de base; e 0,6% dos casos variantes de alteração de ordem - variante com ordem alterada no material didático em relação ao texto de base. Essa nomenclatura das variantes foi retirada do estudo de Blecua (1990[1983]) sobre os erros de cópia. Contudo, vale ressaltar, que é considerado apenas o nome e não o que elas significam para o filólogo espanhol, já que Blecua (1990[1983]) estuda apenas erros de cópia e como veremos na análise, as variantes encontradas na transmissão do texto de Machado de Assis em material didático não são um simples erro de cópia, mas alterações realizadas conscientemente, porque o objetivo de pesquisa 2 mostrou que a maioria dessas variantes surgiu no processo de elaboração do material didático.

Com o intuito de verificar como o *ethos* discursivo dessas apostilas é construído no capítulo que possui o texto literário *Quincas Borba*, de Machado de Assis, como seu conteúdo, foi escolhido, em um levantamento prévio, as apostilas que transmitiam essa obra literária, enquadrada em material didático como exemplo da estética literária realista e texto essencial para os estudos de literatura brasileira.

Para a abordagem proposta neste estudo, foi feita a aproximação entre Crítica Textual e Análise do Discurso de linha francesa como fundamentação teórica e metodológica. A confluência entre esses campos de estudo é realizada, pois o primeiro proporciona recursos que viabilizam o estudo fidedigno do texto literário *Quincas Borba*, enquanto o segundo permite a análise da construção discursiva apresentada na apostila sobre esse texto, para a verificação da influência do *ethos* do enunciador nas variantes de transmissão do texto literário. Além da conexão entre Crítica Textual e Análise do Discurso, este estudo também possui relevância por ter como objeto de análise apostilas, um dos principais recursos didáticos de ensino nas escolas brasileiras, responsáveis, portanto, pela formação de um público amplo de estudantes.

Tendo isso em vista, a análise é baseada na concepção de *ethos* discursivo defendida por Dominique Maingueneau (2005), por considerar não só textos orais, mas também o discurso de textos escritos como constituintes de um *ethos* que pode ser apreendido pela composição discursiva. Para o entendimento sobre as apostilas e seu funcionamento como recursos didáticos de ensino, é considerado o aporte teórico de Carmagnani (2011), Grigoletto (2011) e Azevedo e Piris (2018). Ademais, a perspectiva da Crítica Textual, que

fornece instrumentos para o estudo do texto literário fidedigno, é baseada na proposta teórico-metodológica descrita em Blecua (1990[1983]), Cambraia (2005), Spaggiari & Perugi (2004) e Santiago-Almeida (2011; 2021) e o estudo do estilo machadiano é fundamentado por Carvalho (2018).

Assim, o texto está organizado em quatro partes. A seção 1 mostra o papel da Crítica Textual na transmissão de textos literários. A seção 2 traz o conceito de *ethos* discursivo e suas noções fundamentais. A seção 3 é voltada para as considerações gerais sobre as apostilas, a fim de situar seu surgimento, características e funcionamento. A seção 4 apresenta a análise da construção do *ethos* discursivo na transmissão de *Quincas Borba* em apostilas de Português. Por fim, as considerações finais reúnem as discussões realizadas no estudo apresentado.

1 A Crítica Textual na transmissão de textos literários

A Crítica Textual ocupa-se de reproduzir textos em sua forma genuína e seu objetivo central está alicerçado no fato de que todo texto se modifica em sua transmissão (Cambraia, 2005). Essas modificações, ainda para o autor ora citado, podem ser de duas ordens: exógenas e endógenas. A primeira pode se constituir do suporte em que os textos aparecem, isto é, mesmo que nenhuma cópia seja feita, o material utilizado pode sofrer deterioração e comprometer a transmissão do texto nele contido. Já a segunda tem origem na realização da cópia do texto para outro suporte.

Para Cambraia (2005), as modificações endógenas podem ser autorais – alterações feitas pelo autor intelectual da obra durante o processo de preparação e edição do texto – e não-autorais – modificações realizadas por outros indivíduos e sem o consentimento do autor. Essas ainda são divididas em voluntárias – conscientemente realizadas – e involuntárias – ocorridas por lapsos de copistas. Este estudo concentra-se nas modificações endógenas não-autorais voluntárias, pois foram as encontradas no *corpus* de pesquisa.

Desse modo, pesquisas que priorizam a transmissão de textos são importantes porque permitem a preservação e o conhecimento de seu conteúdo, dos sujeitos neles contidos e da sociedade e cultura da época em

que são inscritos. No que se refere à transmissão de textos literários, como o deste estudo, a contribuição da Crítica Textual é essencial:

No domínio dos *estudos literários*, os textos escritos são ainda mais essenciais, já que são a principal forma de expressão da literatura – principal, mas certamente não a única, pois não se pode esquecer da literatura oral, em que, aliás, se fundamenta a produção poética primitiva não apenas grega na Antiguidade mas também vernacular na Idade Média. Considerando, porém, particularmente a literatura escrita, a contribuição da crítica textual está em assegurar que o crítico literário possa exercer sua função com base em um testemunho que efetivamente reproduz a forma do texto que o autor lhe deu, ou seja, sua forma genuína (Cabraia, 2005, p. 21).

O processo para alcançar o texto genuíno segue critérios científicos rigorosos e foi estabelecido no século XIX por Karl Lachmann, que propôs etapas para se obter a edição crítica de um texto, isto é, um texto de autoridade por ter sido estabelecido no confronto de mais de um testemunho da obra. Cabraia (2005) sintetiza o estabelecimento desse tipo de edição em duas fases: *recensão* – o estudo das fontes para a compreensão da tradição de um texto – e *reconstituição* – a análise de toda a tradição do texto para a apresentação ao público-leitor.

Os critérios teórico-metodológicos para o texto crítico são utilizados, atualmente, não apenas para o objetivo de se criar a edição crítica de uma obra, mas também para o estudo das variantes no processo de transmissão de um texto; um exemplo é a pesquisa de Ferreira (2018), que analisou as variantes da *Compilação de todas as obras de Gil Vicente* na interface com a Análise do Discurso. Desse modo, como forma de contribuir e ampliar a pesquisa da análise de variantes na transmissão de textos, este estudo é proposto. O conceito de variante aqui mencionado está ancorado em Santiago-Almeida (2011, p.11), que a apresenta como “lugar do texto em que ocorre divergência entre dois ou mais testemunhos”.

Assim sendo, para contemplar o estudo do texto em todas as suas camadas de significação, pode-se aproveitar, como aponta Cabraia (2005), da transdisciplinaridade da Crítica Textual, que permite o diálogo com outras disciplinas e áreas do conhecimento e que podem ser incorporadas ao labor da pesquisa. Tendo isso em vista, é traçado neste estudo uma aproximação entre Crítica Textual e Análise do Discurso, na perspectiva do *ethos* discursivo,

pois as variantes encontradas no *corpus* têm forte indício de serem motivadas, dentre outras coisas, pela imagem que se quer passar aos leitores das apostilas em estudo, ou seja, pelo *ethos* do enunciador, como veremos na análise empreendida mais adiante. Assim, é tratado a seguir das noções fundamentais sobre o *ethos* discursivo de Maingueneau (2005) a fim de situá-las na compreensão da construção do *ethos* discursivo em apostila de português.

2 Noções sobre o *ethos* discursivo de Maingueneau

A noção de *ethos* foi apresentada por Aristóteles em sua *Retórica*, na qual expõe sobre as três provas de persuasão fornecidas pelo discurso, sendo elas o caráter moral do orador, o modo de disposição do ouvinte e o próprio discurso. A respeito da primeira, afirma que “persuade-se pelo caráter quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé” (Aristóteles, 2005 [c.400 a.C], p. 96).

Esse conceito de *ethos* retórico foi, contemporaneamente, sendo relacionado à enunciação por estudiosos da linguagem. Fuchs (1985, p. 112) considera que a Teoria da Enunciação é uma filiação da retórica, já que essa se sustenta no que nomeamos “situação de enunciação”. Por sua vez, Fiorin (2004) sublinha que o *ethos* se torna visível nas marcas de enunciação deixadas no enunciado. Corroborando essa relação e destacando a construção da linguagem, Maingueneau (2005, p. 70) diz que o *ethos* está “ligado à enunciação, e não a um saber extradiscursivo sobre o enunciador”.

Maingueneau (2005) amplia e integra a noção de *ethos* retórico à Análise do Discurso por meio de um “duplo deslocamento”:

Distancia-se de qualquer preocupação “psicologizante”, para entender que os efeitos produzidos sobre o auditório “são impostos, não pelo sujeito, mas pela formação discursiva”. Recorre a uma concepção de *ethos* transversal à oposição entre o oral e o escrito, pois se concebe que mesmo os corpora escritos possuem uma voz e um corpo. (Piris, 2012, p. 55).

Nesse sentido, mesmo em discursos escritos a noção de “voz” pode ser apreendida por meio de um “tom” do enunciador. Essa troca sutil dos termos no continuum entre oral e escrito acarreta também que o corpo do enunciador não signifique algo físico, mas uma “instância subjetiva” (Maingueneau, 2005,

p. 72). Essas determinações são apresentadas no discurso e é por meio dele que o coenunciador assimila o posicionamento do enunciador. Desse modo, a incorporação é constituída por três fatores:

- A enunciação do texto confere uma corporalidade ao fiador, ela lhe dá um corpo.
- O co-enunciador incorpora, assimila um conjunto de esquemas que correspondem à maneira específica de relacionar-se com o mundo, habitando seu próprio corpo.
- Essas duas primeiras incorporações permitem a constituição de um corpo, da comunidade imaginária dos que aderem a um mesmo discurso (Maingueneau, 2005, p. 73).

Essa relação de incorporação, na qual a enunciação possibilita que o coenunciador incorpore a maneira de se portar do corpo enunciante, é constituída em uma cena enunciativa que contempla três importantes cenas:

A "cena de enunciação" integra de fato três cenas, que proponho chamar de "cena englobante", "cena genérica" e "cenografia". A cena englobante corresponde ao tipo de discurso; ela confere ao discurso seu estatuto pragmático: literário, religioso, filosófico... A cena genérica é a do contrato associado a um gênero, a uma "instituição discursiva": o editorial, o sermão, o guia turístico, a visita médica... Quanto à cenografia, ela não é imposta pelo gênero, ela é construída pelo próprio texto: um sermão pode ser enunciado por meio de uma cenografia professoral, profética etc. (Maingueneau, 2005, p. 75).

Relacionando essas cenas ao nosso objeto de análise, pode-se dizer que a cena englobante é dada pelo discurso literário, ou seja, os fragmentos de *Quincas Borba*, de Machado de Assis, reproduzidos nas apostilas; a cena genérica é o gênero apostila, que será contextualizado na próxima seção deste texto; e, por fim, a cenografia, por ser uma apostila, podemos deduzir que seja algo que tenha relação ao ensino. Entretanto, vale salientar que qualquer dedução feita pode ser comprovada ou não pelo discurso, já que a cenografia pode ocorrer de formas variadas, a depender de sua finalidade. É o modo como esse ensino do texto literário ocorre nas apostilas de português analisadas nesta pesquisa que irá nortear a análise da construção do *ethos* discursivo. Interessa, assim, não só o que é dito, mas também como é dito.

É por meio das marcas linguísticas expressas no discurso, como, por exemplo, a dêixis linguística, a modalização, o discurso citado, e o tom concebido por elas, que o *ethos* pode ser depreendido, tanto em exposições

discursivas orais quanto em escritas. Esse tom envolve o corpo do enunciador que emerge, portanto, do discurso. Dessa maneira, a constituição da imagem do enunciador, que faz o coenunciador, leva em consideração valores ideológicos, sociais e culturais.

A respeito disso, há uma atuação de distintos tipos de *ethos*, que perpassam o caminho iniciado antes da enunciação até chegar na interpretação do coenunciador. A princípio, pode-se considerar cinco tipos: *ethos* pré-discursivo, *ethos* discursivo, *ethos* dito, *ethos* mostrado e *ethos* efetivo.

Maingueneau (2005, p. 71) alerta para o fato de não se poder ignorar a “representação do *ethos* do enunciador antes mesmo que ele fale”, algo realizado pelo público, distinguindo, assim, *ethos* discursivo e *ethos* pré-discursivo. O primeiro é a fala do enunciador apresentada no discurso, que é para o que é detida a atenção na análise contida mais adiante; já o segundo consiste na projeção que o coenunciador faz do *ethos* do enunciador. Nessa perspectiva, Maingueneau (2005, p. 71) ressalta que “o simples fato de que um texto pertence a um gênero de discurso ou a um certo posicionamento ideológico induz expectativas em matéria de *ethos*”. Em relação a isso, Piris (2019, p. 6-7) propõe a noção de “imagem prévia do enunciador” em vez de “*ethos* pré-discursivo”, considerando que essa noção seja um efeito da interdiscursividade, não do “não-discursivo”, já que se trata do “discurso do outro sobre si mesmo”.

Fazem parte do *ethos* discursivo tanto o *ethos* dito quanto o *ethos* mostrado. O que o enunciador fala dele mesmo, o que deseja que seja visto, corresponde ao primeiro; já aquilo que o enunciador não diz, mas mostra por meio do tom, da escolha das palavras, etc. diz respeito ao segundo. Por fim, o *ethos* efetivo é o que resulta da rede de interação entre os quatro tipos de *ethos*.

O processo de incorporação do *ethos* está relacionado à construção de um *anti-ethos*:

E assim como o *ethos*, o *anti-ethos* deve ser entendido como uma figura discursiva mostrada na enunciação, o que não deve ser confundido com as descrições que se fazem do anti-sujeito no enunciado, porque isso seria o mesmo que dizer que o *ethos* é dado *a priori* no enunciado e acreditar que o enunciador é honesto apenas em razão de ele enunciar “sou honesto” (Piris, 2019, p. 7).

Portanto, não é necessário que um enunciador de um discurso didático, por exemplo, diga “sou didático, simples e objetivo” ou que outro enunciador, no caso seu concorrente, seja o oposto dele. Mas é necessário que o discurso constitua o *ethos* didático e que detenha um saber para acarretar um *anti-ethos* que não seja didático e que não possua um saber legítimo.

Tendo em vista essas considerações, é apresentado a seguir aspectos gerais sobre as apostilas, a fim de levantar elementos fundamentais sobre o tipo de material didático escolhido para a análise.

3 Considerações gerais sobre as apostilas

O surgimento de apostilas no Brasil ocorreu em um contexto posterior à consolidação dos livros didáticos (LDs), devido a problemas oriundos da centralização de medidas governamentais sobre esses livros. A origem do novo material didático constituiu-se em lugar determinado e com objetivos específicos:

Vale lembrar que as apostilas surgiram primeiramente nos cursinhos preparatórios para ingresso na universidade e sua eficiência era atestada pelo número de candidatos que obtinha uma vaga nos cursos de ensino superior. Desse modo, a apostila se popularizou por possuir qualidades nem sempre presentes nos LDs, considerados limitados e ultrapassados. (Carmagnani, 2011, p. 47).

A popularização do uso das apostilas fez com que sua utilização fosse ampliada para escolas particulares por todo o país e, recentemente, também para escolas públicas, pois um dos motivos de sua consolidação nas salas de aulas brasileiras não é apenas sua constituição permeada por conteúdos específicos voltados para provas de vestibular, mas também por sua elaboração não precisar seguir critérios estabelecidos pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)³, que avalia previamente os livros didáticos que são distribuídos para as escolas públicas. Além disso, a característica homogeneizante dos conteúdos presentes nas apostilas e sua elaboração faz

³ O PNLD constitui-se por um processo avaliativo composto por especialistas em diferentes áreas do conhecimento e também pela compra e distribuição de material didático gratuito às escolas públicas de educação básica das redes municipal, estadual e federal; processo realizado pelo Ministério da Educação e pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Portanto, o material didático que possui o selo do PNLD comprova sua passagem e aprovação nesse processo, procedimento não realizado com o material didático sem esse selo, como é o caso das apostilas.

com que todos os sujeitos contidos no processo de ensino-aprendizagem saibam o que deve ser ensinado. Assim, eles vigiam uns aos outros, segundo Carmagnani (2011), como em um panóptico foucaultiano, garantindo que determinados conteúdos sejam ensinados e, conseqüentemente, aprendidos.

Essa característica do material didático ser elemento de controle em sala de aula determina relações rígidas e inflexíveis: "Ao professor cabe "dar" a aula, exigindo-se dele apenas o domínio de determinados conteúdos. Ao aluno cabe "receber" e assimilar aquilo que foi programado, independentemente de seu potencial e limitações" (Carmagnani, 2011, p. 50). A respeito disso, Azevedo e Piris (2018) propõem que nessa interação dos intervenientes de uma situação pedagógica é possível considerar o autor do livro didático como um desses sujeitos, em um lugar de disputa com o professor como detentor do saber-poder. Vale salientar que essa abordagem conservadora, em que as relações em sala de aula se desdobram orientadas por um nível hierárquico que coloca professores e seus recursos de ensino, como as apostilas e os livros didáticos, como intervenientes pedagógicos superiores em relação aos estudantes, ainda é recorrente em sala de aula.

Além dessa interação que se estabelece em um sistema no qual os sentidos já foram todos sistematizados e fechados antes de se apresentarem aos usuários, manifesta-se nas apostilas, como aponta Carmagnani (2011, p. 53), um "pressuposto também compartilhado pelo LD tradicional", que é a verdade demonstrada de forma inquestionável. Esse pressuposto se estabelece porque os livros didáticos se apresentam como discurso de verdade:

Certamente, uma das formas de disseminação do poder decorrente da produção, circulação e funcionamento dos discursos na esfera escolar está no LD que funciona como um dos discursos de verdade. Um discurso de verdade é aquele que ilusoriamente se estabelece como um lugar de completude dos sentidos (Grigoletto, 2011, p.67-68).

Essa relação consegue se consolidar porque as apostilas, sobretudo de escolas particulares, representam instituições consideradas de prestígio por geralmente cumprirem seu papel social de aprovações em vestibulares, o que legitima e confere autoridade ao seu discurso. Por funcionar em um lugar de sentido completo, tanto os livros didáticos quanto as apostilas legitimam

discursos e são legitimados pelo sistema educacional. Quanto aos professores e alunos, esses são objetivados pelo discurso desse material didático, pois ao reproduzir o discurso legitimado pelo saber-poder, tornam-se sujeitos desse discurso. Desse modo, Carmagnani (2011) sinaliza para o fato preocupante de que mesmo tendo como um de seus objetivos funcionar como recurso didático complementar, há locais em que as apostilas atuam como única forma de conhecimento e fonte de saber, legitimando, assim, a verdade que inibe questionamentos.

Carmagnani (2011) e Grigoletto (2011) mostram que as limitações que as apostilas e livros didáticos oferecem aos seus usuários podem ser notadas também em termos linguísticos, por meio dos textos e atividades de português. Ao propor um conteúdo que limita o desenvolvimento dos alunos em leitura, escrita e interpretação, esse material didático forma um aluno sem perspectiva linguística ampliada e, muitas vezes, crítica, pois tudo já está estabelecido.

No que diz respeito à apostila como gênero discursivo, ela possui a função de ensinar sobre determinados assuntos. No caso das apostilas de português consideradas para este estudo, elas desempenham o papel do ensino de literatura. O texto *Quincas Borba*, de Machado de Assis, sempre aparece inserido no capítulo sobre ensino de literatura sobre a estética realista, que traz explicações e fragmentos do texto literário. Essa disposição discursiva de ensino é analisada adiante, evidenciando como é construído o *ethos* em uma apostila de ensino de língua portuguesa ao transmitir o conteúdo sobre o texto literário.

4 Análise da construção do *ethos* discursivo na transmissão de *Quincas Borba* em apostilas de Português

Para a análise, foram escolhidas cinco apostilas, dos sistemas de ensino Objetivo, Etapa, COC e Poliedro, por representarem alguns dos principais sistemas apostilados de ensino de São Paulo, presentes também em outras regiões do Brasil, e por constituírem parte do *corpus* da pesquisa de doutorado contextualizada na introdução.

Figura 1. Capas das apostilas



Fonte: Autoria própria; imagens dos sistemas apostilados mencionados nas referências.

Dessas apostilas, interessa o capítulo denominado *Realismo*, no qual há uma seção dedicada a Machado de Assis, conforme anexos. Após a apresentação de características gerais sobre os romances realistas do autor, há a transmissão de trechos de *Quincas Borba*, conteúdo sobre o qual se fala o enunciador do discurso e objeto de nossa análise. Situar essa disposição é necessário porque mostra que, mesmo se tratando de um texto literário, o objetivo de sua transmissão aqui é didático, e não para fruição. Isso indica características centrais da exposição: um discurso que quer instruir, com um tom didático e um modo de dizer objetivo e organizado, como se observa com o início do discurso do enunciador abaixo, que apresenta exposição semelhante nas quatro apostilas:

Quincas Borba, que intitula esse livro, corresponde ao mesmo menino-mendigo-filósofo que aparece em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, mas é enganoso pensar que Quincas será o protagonista dessa história, pois a atenção recairá sobre Rubião, amigo do filósofo (Objetivo, 2019, p.163).

Esse início do discurso já revela que o enunciador da apostila se apresenta como sujeito que: faz comparações (*corresponde ao mesmo menino-mendigo-filósofo que aparece...*) a fim de estabelecer relações que facilitem o entendimento do texto literário apresentado; antecipa e previne sobre futuras reações e juízos de seu coenunciador (*mas é enganoso pensar que*); e sabe de elementos fundamentais e específicos da narrativa a qual fala (*sob uma condição peculiar*). Há, ainda, uma capacidade de transmitir o conteúdo de modo resumido e simplista no discurso de todas as apostilas em análise.

Estruturado em um universo em que os elementos de *Quincas Borba* podem ser facilmente relacionados, o discurso do enunciador das apostilas preza por um objetivismo e reducionismo dos eventos, reestruturando discursivamente não só o texto literário, mas também um modo de ensinar que

facilita os conteúdos ensinados, modelo perfeito para quem deseja aprender o máximo de coisas que pode em um curto período de tempo e para fins específicos, como é o caso de vários estudantes do país que se preparam para as provas de vestibulares.⁴ Constitui-se, assim, o *ethos* e o *anti-ethos* desse enunciador por meio de estereótipos sociais considerados de prestígio para grupos sociais que defendem o modo de ensinar desses sistemas apostilados, como colégios e cursos pré-vestibular em consonância com o que os vestibulares exigem: adaptado ao vestibular *versus* não adaptado ao vestibular; didático *versus* não didático; reducionista *versus* prolixo; o que sabe *versus* o que não sabe.

O discurso do enunciador da apostila sustenta-se no argumento de que um texto literário de duzentos e um capítulos, como é o caso de *Quincas Borba*, de Machado de Assis, pode ser reduzido e compreendido em, no máximo, três páginas de uma apostila, já que em nenhum momento e em nenhuma apostila analisada o enunciador faz a indicação da leitura integral do texto literário. Para realizar esse empreendimento, o enunciador resume o enredo do romance por meio da apresentação do que considera ser os trechos principais para a compreensão generalizada por parte do coenunciador.

Dessa maneira, todas as apostilas possuem discursos citados, isto é, fragmentos do texto literário que exemplificam a explicação do enunciador sobre o romance, sendo os trechos dos capítulos: 6 (que expõe sobre a teoria do humanitismo) e 200 (que narra a morte de Rubião) na apostila Objetivo ([s.d.]); 4 (que diz que Quincas Borba também é personagem de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*), 14 (que mostra o testamento de Quincas Borba), 36 (que mostra a atração de Rubião por Sofia), 69 (que conta como se iniciou a sociedade comercial entre Rubião e Cristiano Palha), 155 (que expõe que, após perder sua fortuna, o protagonista enlouquece), 201 (o último capítulo do romance narra a morte do cão Quincas Borba) e 6 (sobre a filosofia do humanitismo) na apostila Objetivo (2019); 6 (sobre a teoria do humanitismo) na apostila Etapa ([s.d.]); 199 (que fala sobre a loucura de Rubião) na apostila COC ([s.d.]); 200 (que narra a morte de Rubião) e 201 (que narra a morte do cão Quincas Borba) na apostila Poliedro (2017).

⁴ O romance *Quincas Borba*, de Machado de Assis, consta/constou em listas de obras literárias obrigatórias para provas de vestibular, como por exemplo, os vestibulares da USP, ITA e Cásper Líbero.

Todas as citações são acompanhadas por comentários do enunciador, criando a imagem de um sujeito intérprete do discurso do outro. Essa estratégia discursiva mostra que o enunciador não só acompanha de perto a construção da interpretação, mas faz sua própria interpretação da narrativa para o coenunciador. Desse modo, o enunciador manifesta-se como sujeito que impõe sua própria versão dos eventos narrados. Revela-se, portanto, que não há uma mediação ativa, que motiva e estimula a curiosidade, a comunicação e a capacidade crítica dos estudantes, posto que o enunciador da apostila desconsidera uma possível liberdade interpretativa de seu coenunciador e, além disso, a interpretação que constrói do texto literário não aparece explicitamente fundamentada em nenhum discurso de autoridade.

A relação entre as citações e os comentários do enunciador, que forma um fio condutor de seu discurso e sobre o assunto a qual se fala, é feita por meio da utilização do tempo enunciativo da narrativa do texto literário em concomitância com o presente da enunciação do enunciador, como se seu discurso constituísse uma narrativa paralela à narrativa de *Quincas Borba*, por meio de verbos no tempo presente, uso de gerúndio, verbos de ação, advérbios de tempo e expressões de caráter explicativo:

Rubião se **muda** de Barbacena para o Rio de Janeiro; **agora, quer desfrutar** do dinheiro recebido (...) O casal se **entrepalha**: era a situação perfeita; logo, **oferecem** companhia e ajuda amistosa. (...) Sofia **já não poupa** esforços para seduzir Rubião - astuciosamente, **dribla** o interesse do moço **avançando** e **recuando** nos cortejos (...) (Objetivo, 2019, p. 163).

Um enfermeiro e professor chamado Rubião **passa** a trabalhar para Quincas. Com a morte deste, Rubião, em companhia do cachorro (**cuidar do cachorro era uma das exigências do testamento de Quincas Borba**), **vai** para o Rio de Janeiro (Poliedro, 2017, p. 114).

Essas estratégias enunciativas constituem um modo de dizer que impõe ao seu coenunciador um entendimento de *Quincas Borba*, pois vai construindo cenas aos enunciados e aproximando o consumidor da apostila da compreensão do discurso. Revela-se, assim, a imagem de um enunciador capaz de construir caminhos que o fazem assumir a interpretação do texto literário, e que não só entrega sua própria interpretação das coisas, mas cria sua própria narrativa dos eventos. Essas marcas linguísticas mostram que o *ethos* do enunciador é apreendido por meio da enunciação e que seu discurso não

constrói o *ethos* do mediador que propicia o ensino dinâmico e ativo, e sim o *ethos* do preceptor que promove o ensino passivo.

Essa característica do enunciador manifesta-se também no exagerado uso de adjetivação e advérbios durante seu discurso, que servem para relacionar personagens e seus atos ao longo do texto literário de forma categórica. Contudo, não são características tomadas de Machado de Assis, mas criadas e reestruturadas pelo enunciador ao longo de sua exposição como recurso reducionista e limitante de caracterização. Segundo Grigoletto (2011), afirmações categóricas, como essas, naturalizam os sentidos e provocam um enfoque único ao discurso, como se não houvesse outras possibilidades de interpretação:

Quadro 1. Exemplos de exagerado uso de adjetivação e advérbios no discurso do enunciador das apostilas

| Apostilas | Exemplos |
|-------------------------|---|
| Objetivo (2019) | "Sofia astuciosamente dribla o interesse do moço"; "Rubião conta inocentemente sobre sua fortuna". |
| COC ([s.d.], p. 70) | "...ressurge a personagem Quincas Borba, filósofo maluco, amigo de Brás Cubas". |
| Etapa ([s.d.], p. 39) | " Esperta, astuta e interesseira , Sofia não lhe dá esperanças, mas não as retira". |
| Poliedro (2017, p. 114) | " Provinciano, crédulo , conhece ainda no trem para o Rio de Janeiro, Sofia e seu marido Palha". |

Fonte: Autoria própria; exemplos extraídos dos sistemas apostilados mencionados nas referências.

O enunciador coloca em evidência sua versão dos fatos e manifesta-se por meio do operador epistêmico *saber*, como percebe-se implicitamente nos enunciados com o recorrente uso da palavra "é" ao longo de seu discurso. Com esses enunciados, o enunciador constrói um discurso calcado em seu saber sobre a narrativa de *Quincas Borba*, ao mesmo tempo em que acarreta um não saber que, implicitamente, constrói a imagem de seu *anti-ethos*:

Quadro 2. Exemplos de uso do operador epistêmico *saber* no discurso do enunciador das apostilas

| Apostilas | Exemplos |
|-----------------------------|---|
| Objetivo (2019, p. 162-164) | "Ao vencedor, as batatas é a síntese da alegoria criada para explicar essa filosofia"; " É personagem fundamental na trama..."; "Rubião é explorado..."; "Humanitismo é o "princípio das coisas". |
| Objetivo ([s.d.], p. 117) | "Narrado na terceira pessoa, é considerado o mais objetivo dos romances de Machado"; " É a história de um professor mineiro de primeiras letras". |
| COC ([s.d.], p. 70) | "A paródia é tanto mais acentuada quando se percebe que, sendo uma apologia da condição humana". |
| Poliedro (2017, p. 114) | "Rubião apaixonou-se e é enganado por ambos, que lhe arrancam toda a fortuna e o internam em um hospício". |

Fonte: Autoria própria; exemplos extraídos dos sistemas apostilados mencionados nas referências.

Esse posicionamento construído por meio do modalizador epistêmico expõe um tom assertivo ao discurso, revelando um enunciador que *sabe* sobre o conteúdo de *Quincas Borba*. Atrelado a esse saber, além das atitudes enunciantes que envolvem o discurso em uma exposição didática, há também variantes nos trechos citados de *Quincas Borba* ao longo do discurso em todas as apostilas. Convém salientar que essas modificações foram levantadas com a aplicação do aporte teórico-metodológico da Crítica Textual, brevemente contextualizado anteriormente, e que com a investigação da gênese dessas variantes foi possível observar que todas elas surgiram no processo de edição do material didático, pois só consta nele, ou seja, as alterações são frutos do discurso do enunciador das apostilas. Além disso, os dados linguísticos sobre a construção do *ethos* do enunciador dão indícios de quais variantes irão ocorrer na transmissão do texto literário nas apostilas, a fim de se preservar a imagem que se quer transmitir ao coenunciador, conforme observa-se com os três exemplos a seguir:

Quadro 3. Exemplo de variante de substituição

(1) Pois essa substância ou verdade, esse princípio indestrutível é que é Humanitas. Assim lhe chamo, porque resume o universo, e o universo é o homem. **Vás Vais** entendendo?

Fonte: Etapa 3 Português ([s.d.], p. 39-40).

No texto base, na cor vermelha, o verbo “ir” aparece no presente do modo subjuntivo, ao passo que no material didático, na cor azul, no presente do modo indicativo. O primeiro é utilizado quando se quer apresentar uma ação incerta ou duvidosa, já o segundo ocorre no momento do enunciado e indica ação habitual ou uma verdade (Bechara, 2009, p. 280). Embora as gramáticas atuais indiquem o presente do indicativo para uma ação que ocorre no momento da fala, como no trecho em análise, Machado de Assis costuma utilizar o modo subjuntivo “vás” seguido de gerúndio, como no final do capítulo II de *Dom Casmurro*: “É o que vás entender, lendo”.

Quadro 4. Exemplo de variante de omissão

(2) O Cruzeiro, que a linda Sofia não quis fitar, como lhe pedia Rubião, está assaz alto para não discernir os risos e as lágrimas dos homens.

Fonte: Pré-vestibular Português Livro 3. Sistema de Ensino Poliedro (2017, p. 114).

Em uma perspectiva gramatical, não haveria dúvida alguma do uso da vírgula antes da conjunção “como”, se este termo estivesse seguido de “por exemplo” – “como, por exemplo” –, em que é feita uma pausa explicativa. No entanto, conforme aparece no trecho, o uso da vírgula é facultativo. A pontuação no texto original parece estar ligada ao ritmo de escrita machadiano. Além disso, a omissão dessa vírgula está consoante à primeira das instruções gerais do Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo (Martins Filho, 1997, p. 15): “Seja claro, preciso, direto, objetivo e conciso. Use frases curtas e evite intercalações excessivas ou ordens inversas desnecessárias. Não é justo exigir que o leitor faça complicados exercícios mentais para compreender o texto”, para citar um exemplo de Manual de Redação, recurso utilizado nas editoras.

Quadro 5. Exemplo de variante de adição

(3) - Ao vencedor, as batatas! ... - bradava Rubião aos curiosos. Aqui estou imperador! Ao vencedor, as batatas!

Fonte: COC Linguagens e Códigos - Pré-vestibular - Língua Portuguesa 4: Romantismo e Realismo ([s.d.], p. 70-71).

Há adição de reticências e de um travessão (destacados na cor azul) na apostila do Sistema COC para distinguir a fala do narrador e da personagem. Essas variantes tentam ocultar o discurso indireto livre (DIL), apresentação das

falas exatas das personagens inseridas dentro do discurso do narrador. Segundo Carvalho (2018, p. 168-169), o DIL é uma das principais características estilísticas de Machado de Assis e é empregado para ressaltar a espontaneidade do discurso do personagem e conferir dinamismo e certo sentido de oralidade à narrativa. Portanto, além de eliminar o estilo machadiano, essas alterações também ocultam especificidades do narrador para deixá-lo o mais neutro possível, como os típicos narradores da estética realista, a qual *Quincas Borba* é inserido nas apostilas analisadas.

Percebe-se, então, que as variantes encontradas na transmissão de *Quincas Borba* nas apostilas de Português aqui mencionadas confirmam o *ethos* de seu enunciador: preocupado em transmitir seu discurso de acordo com a norma considerada padrão da língua portuguesa e de forma objetiva e simplista, mas desconsiderando idiosincrasias machadianas; e enquadrando o discurso literário nos moldes da estética realista (de acordo com a organização das apostilas), embora Machado de Assis se mostrasse contrário às características desse movimento literário⁵.

Assim, em uma tentativa de tornar seu discurso autêntico, o enunciador das apostilas constrói seu discurso por meio de uma enunciação que se sustenta no modalizador epistêmico *saber*, com o conteúdo sobre o texto literário *Quincas Borba*, como se fossem verdades incontestáveis. Faz uso de estratégias didáticas que, além de aproximar, também já considera seu coenunciador como sujeito que integra uma comunidade daqueles que precisam compreender o conteúdo ali ensinado para fins específicos. Assim, o enunciador manifesta-se de modo a criar sua própria versão e interpretação dos fatos narrados, demonstrando sua autoridade diante de seu coenunciador.

Tendo em vista essas características, constrói-se o *ethos* discursivo de um enunciador que se mostra conhecedor do assunto ao qual discursa, por meio de um tom assertivo e disposto a ensinar especificamente o que se exige em provas de vestibular, que não se mostra inseguro em construir sua própria narrativa literária ou se impor de forma que não considere uma mediação ativa e de modo até copidescada - como vimos nas alterações dos trechos literários

⁵ No texto sobre *O Primo Basílio*, publicado na revista *O Cruzeiro*, em 1878, Machado de Assis tece críticas ao realismo presente no romance de Eça de Queirós e parece construir ali o direcionamento estético de suas produções literárias posteriores, como é o caso de seu romance *Quincas Borba*.

que influenciam no estilo de Machado de Assis e no sentido de *Quincas Borba* – diante de seu coenunciador. Ao se constituir desse modo, esse *ethos* legitima a construção discursiva dos sistemas apostilados considerados de prestígio na sociedade brasileira e daqueles que aprovam o modo de ensinar dos ensinamentos apostilados. Ademais, a didatização no modo de enunciar projeta uma qualidade positiva ao seu *ethos*, a fim de assegurar, por fim, a adesão de seu coenunciador.

Considerações finais

A análise realizada permitiu verificar como as escolhas linguísticas e excertos literários utilizados para o ensino de literatura são decisivos para observar a construção do *ethos* discursivo em contextos em que ele não é tão evidente, como em apostilas de língua portuguesa.

Com a integração teórico-metodológica da Crítica Textual e da Análise do Discurso foi possível observar que o *ethos* discursivo construído nas apostilas analisadas serve de alicerce para que citações autorais, como os fragmentos literários de *Quincas Borba*, de Machado de Assis, mencionados pelo enunciador ao longo de seu discurso, sejam alteradas. Além disso, essas alterações chegam a leitores desatentos ou que desconhecem características da escrita de um dos principais autores da literatura brasileira, com variantes que mudam o sentido da obra e o estilo de seu autor. Nesse contexto, nota-se a importância de uma integração eficaz de teorias da linguagem, como Análise do Discurso e Crítica Textual, por exemplo, à reflexão crítica e elaboração de apostilas e livros didáticos, por parte de editoras e professores de linguagens e literatura, considerando a amplitude de usuários que esses recursos didáticos de ensino atingem e seu caráter formador.

Ademais, a análise desenvolvida neste trabalho revelou que o ensino de literatura, por meio apenas de apostilas, nas salas de aulas brasileiras, treina estudantes a serem leitores de resumos de obras literárias e os desencorajam a fruir o texto literário tal como foi concebido. Isso contribui para o ensino de literatura que coloca os estudantes como sujeitos passivos na relação ensino-aprendizagem, não para a formação de leitores literários críticos. Assim sendo, faz-se necessário enfatizar que o papel de professores se torna fundamental na

prática de mediações pedagógicas ativas que visem o conhecimento literário que vá além do que está escrito nas apostilas, indicando, por exemplo, a leitura completa da obra literária e trabalhando o texto literário recorrendo às edições fidedignas.

Portanto, os materiais didáticos, embora se constituam como objetos ligados à área educacional, revelam uma fonte sobre o modo como o discurso do saber é construído e legitimado pela sociedade contemporânea de modo geral, evidenciando, assim, a relevância da divulgação desse tema.

Referências

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução: Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Imprensa Nacional-Casa da Moeda: Lisboa, 2005. p. 95-97.

ASSIS, Machado de. **Quincas Borba**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Garnier, Livreiro-Editor, 1899.

ASSIS, Machado de. **Quincas Borba**. Edição Crítica. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/Instituto Nacional do Livro/Comissão Machado de Assis, 1977.

AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de & PIRIS, Eduardo Lopes. Subjetivação, saberes e poderes: o autor do livro didático como um interveniente na relação pedagógica. In: AQUINO, Z.G.O.; GONÇALVES-SEGUNDO, P. R.; PINTO, M. A. G. (Org.). **O poder do discurso e o discurso do poder**. v.1. São Paulo: Editora Paulistana, 2018, p. 122-143. Disponível em: <https://cied.fflch.usp.br/ii-cied-vi-jadis-2016-livro-e-edicao-de-periodico>.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. – 37. ed. ver., ampl. e atual. Conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BLECUA, Alberto. **Manual de crítica textual**. Madrid: Castalia, 1983[reimpr:1990].

CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CARMAGNANI, Anna Maria G. Ensino apostilado e a venda de novas ilusões. In: CORACINI, Maria José Rodrigues Faria (Org.). **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático: língua materna e língua estrangeira**. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011, p. 45-55.

CARVALHO, Castelar de. **Dicionário de Machado de Assis: língua, estilo, temas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2018.

Dicionário Aulete. Disponível em: <https://aulete.com.br/apostila> . Consulta em: 13 de abril de 2024.

Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/apostila/>. Consulta em 13 de abril de 2024.

FERREIRA, Ana Carolina de Souza. O *ethos* de Frei Bartolomeu Ferreira a partir das variantes da edição de 1586 da Compilação de todas as obras de Gil Vicente: o caso do Auto da Barca do Inferno. In: GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto; PEDRO, Adriana Moreira; OLIVEIRA, Agildo Santos Silva de; SILVA, Alexandra Marques; SOUZA, Douglas Rabelo; BRITTO-COSTA, Letícia Fernandes de; KOBAYASHI, Sergio Mikio. **Discurso e identidade: múltiplos enfoques**. São Paulo: FFLCH, 2018, p. 115-126. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/9788575063361>.

FIORIN, José Luiz. O *éthos* do enunciador. In: CORTINA, Arnaldo; MARCHEZAN, Renata Coelho (orgs.). **Razões e sensibilidades: a semiótica em foco**. Araraquara: Laboratório Editorial FLC/UNESP, 2004.

FUCHS, Catherine. As problemáticas enunciativas: esboço de uma apresentação histórico e crítica. [trad. L. M. Rezende]. **Alfa**, n. 29, 1985, p. 111-120.

GRIGOLETTO, Marisa. Leitura e funcionamento discursivo do livro didático. In: CORACINI, Maria José Rodrigues Faria (org.). **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático**: língua materna e língua estrangeira. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011, p. 67-77.

MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. [trad. Dilson Ferreira da Cruz et al]. São Paulo: Contexto, 2005. p. 69-92.

MARTINS FILHO, Eduardo Lopes. **Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo**. Eduardo Martins. 3ª edição, revista e ampliada. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997.

PIRIS, Eduardo Lopes. A dimensão subjetiva da argumentação e do discurso: focalizando as noções de ethos e de pathos. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, n. 2, p. 52-62, 2012. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/400>.

PIRIS, Eduardo Lopes. O ethos e suas noções conexas: análise do discurso do líder do governo na sessão parlamentar que antecedeu o AI-5. **Caderno de Estudos Linguísticos**, v. 61, p. 1-18, 2019. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v61i0.8655042>.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. Para que filologia/crítica textual? **Revista Acta**, v. 1, 2011.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. As variantes substantivas. In: ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. Edição crítica atualizada. São Paulo: Desconcertos Editora, 2021, p. 245-256.

SPAGGIARI, Barbara & PERUGI, Maurizio. **Fundamentos da crítica textual**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

Fontes:

ANDRADE, Fernando Teixeira de. **Literatura I Coleção Objetivo Sistema de Métodos de Aprendizagem. Livro 14**, p.117.

COC Linguagens e Códigos - Pré-vestibular - Língua Portuguesa 4: Romantismo e Realismo. São Paulo, [s.d.] p. 70-71.

Etapa 3 Português. São Paulo, [s.d.], p. 39-40.

Pré-vestibular Português - Frente 2. Sistema de Ensino Objetivo. São Paulo, 2019.

Pré-vestibular Português Livro 3. Sistema de Ensino Poliedro. São Paulo: Editora Poliedro, 2017, p. 114.

Anexos

Anexo I – Transmissão de *Quincas Borba*, de Machado de Assis, na Apostila Literatura I Coleção Objetivo Sistema de Métodos de Aprendizagem - Livro 14

...há cinco anos mereceu eu a alcunha de "menino diabo"; não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo, mas não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo, mas não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo...

VI

Observe, no capítulo CXXV, o aspecto antinarrativo. Ao invés de narrar a morte de D. Eulália Damascena de Brito, Brás Cubas "fotografa" seu epitáfio, transpondo a inscrição tumular.

VII

6.11. Quincas Borba

Narrado na terceira pessoa, é considerado o mais objetivo dos romances de Machado. É um desdobramento da problemática e da narrativa de *Memórias Póstumas*.

A - Resumo

É a história de um professor mineiro de primeiras letras, **Rubião**, para quem o filósofo **Quincas Borba** (personagem que já aparecera em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*) deixa todos os seus bens, com a condição de que o herdeiro cuide de seu cachorro, também chamado Quincas Borba.

De posse da fortuna e tendo aprendido de Quincas Borba alguns elementos de sua filosofia, o **Humanitismo**, Rubião muda-se para o Rio de Janeiro. Desabitado com a vida na cidade grande, cercado de pessoas que vivem de seu dinheiro, Rubião apaixona-se por **Sofia**, mulher de **Cristiano Palha**, seu sócio.

Ao saber da corte de Rubião à sua mulher, Palha divide-se entre dois sentimentos: o ciúme que tem da mulher fá-lo pensar em atitudes radicais, mas sua dependência econômica de Rubião o leva a não querer ofender o sócio.

Sofia, astuciosamente, consegue manter intatos, tanto o interesse de Rubião, quanto a fidelidade conjugal. Lentamente, Rubião começa a agir de maneira estranha: acredita-se Napoleão, fantasia a realidade, fala sozinho na rua e, pouco a pouco, perde toda sua fortuna e também a razão.

Arruinado, Rubião deixa de ser útil e é abandonado pela roda de parasitas que o cercava. Palha e Sofia afastam-se cada vez mais e ele acaba sendo internado num asilo de onde foge para voltar a Minas. Morre lá, em pleno delírio de grandeza, acompanhado de seu cão Quincas Borba e repetindo uma frase do Humanitismo: "Ao vencedor, as batatas".

B - Textos

I

- Não há morte. O encontro de duas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas, mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é a condição de sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum. Daí o caráter conservador e benéfico da guerra. Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transportar a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.

- Mas a opinião do exterminado?

- Não há exterminado. Desaparece o fenómeno; a substância é a mesma. Nunca viste ferver água? Há de lembrar-te que as bolhas fazem-se e desfazem-se de continuo, e tudo fica na mesma água. Os indivíduos são essas bolhas transitórias.

O fragmento transcrito é uma explanação sobre a teoria filosófica de Quincas Borba, o **Humanitismo**. Com ela, Machado realiza uma **paródia irônica** das teorias filosóficas do tempo, especialmente do **Determinismo**, teoria segundo a qual o comportamento humano é rigorosamente subordinado aos seus condicionamentos biológicos, genéticos, sociais, mesológicos e históricos (“a raça, o meio e o momento”).

Aqui, a morte de Rubião, ao fim do romance:

II

Poucos dias depois morreu... Não morreu súdito nem vencido. Antes de principiar a agonia, que foi curta, pôs a coroa na cabeça, — uma coroa que não era, ao menos, um chapéu velho ou uma bacia, onde os espectadores apalpassem a ilusão. Não, senhor; ele pegou em nada, levantou nada e cingiu nada; só ele via a insígnia imperial, pesada de ouro, rútila de brilhantes e outras pedras preciosas. O esforço que fizera para erguer meio corpo não durou muito; o corpo caiu outra vez; o rosto conservou porventura uma expressão gloriosa.

— Guardem a minha coroa, murmurou. Ao vencedor...

A cara ficou séria, porque a morte é séria, dois minutos de agonia, um trejeito horrível, e estava assinada a abdicação.

Anexo II – Transmissão de *Quincas Borba*, de Machado de Assis, na Apostila de Português – Frente 2 Coleção Objetivo Sistema de Método de Aprendizagem

Quincas Borba: aspectos gerais

Este *Quincas Borba*, se acaso me fizeste a favor de ler as *Memórias póstumas de Brás Cubas*, é aquele mesmo naufrago da existência que ali aparece, mendigo, herdeiro inopinado, e inventor de uma filosofia.

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2012.

Quincas Borba, que intitula esse livro, corresponde ao mesmo menino-mendigo-filósofo que aparece em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, mas é enganoso pensar que *Quincas* será o protagonista dessa história, pois a atenção recairá sobre Rubião, amigo do filósofo. *Quincas*, ao morrer, deixa uma grande herança para esse amigo sob uma condição peculiar: ele deve cuidar de seu cachorro, chamado, também, *Quincas Borba*.

Publicado em 1891, dez anos após *Memórias póstumas de Brás Cubas*, o romance *Quincas Borba* desenvolve a tese do Humanitismo, já apontada no romance anterior, cujo lema é “Ao vencedor, as batatas”. Dividida em 201 capítulos curtos, a obra apresenta, ao estilo machadiano, temas crítico-reflexivos – os marginalizados, os diferentes, os pobres e os leucos. Com narração em 3ª pessoa, acompanhamos a história de Rubião, que, feito rico, será explorado e se tornará miserável – exemplo concreto da teoria de *Quincas* –, pois, fraco e ingênuo, acaba sucumbindo aos que estão mais adaptados ao mundo capitalista.

Personagens principais

Rubião: era professor da cidade de Barbacena, em Minas Gerais. Torna-se herdeiro universal de *Quincas Borba*, pois era seu “enfermeiro” em seus últimos dias e seu único amigo.

Quincas Borba (o filósofo): já aparece em *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Ao se mudar para Barbacena, cai nas graças da irmã de Rubião, do qual se torna amigo. Tem como ideal a teoria do Humanitismo – os mais fortes e adaptados sobrevivem, os mais fracos serão manipulados até sua completa aniquilação. “Ao vencedor, as batatas” é a síntese da alegoria criada para explicar essa filosofia.

Quincas Borba (o cachorro): passa a viver com Rubião depois da morte de seu dono, o filósofo. É personagem fundamental na trama e apresenta comportamentos cada vez mais humanos.

Sofia e Cristiano Palha: formam o casal que se aproveitará da fortuna de Rubião com o intuito de ascender socialmente.

Trado e fragmentos de uma teoria

Quincas Borba abandona o Rio de Janeiro e parte para Barbacena (MG). Logo que chega lá, enamora-se de uma viúva (Maria da Piedade), irmã de Rubião, o qual fazia gosto em casá-los. A senhora acaba morrendo, e a amizade entre os dois prospera. Quando *Quincas* adoece, Rubião passa a servi-lo como cuidador – era o seu único amigo na cidade.

Capítulo 7 Realismo: a desconstrução romântica

Após a morte do rico filósofo, Rubião herda de *Quincas Borba* suas propriedades, suas apólices e uma grande soma em dinheiro, além do seu cachorro (também chamado *Quincas Borba*), com a condição, para que recebesse toda a despoção, de que cuidasse dele sem medir esforços.

Quando o testamento foi aberto, Rubião quisse sair para trás. Adivinha por quê? Era nomeado herdeiro universal do testador. Não cinco, nem dez, nem vinte contos, mas tudo, o capital inteiro, especificadas as bens, casas na Corte, uma em Barbacena, escravos, apólices, ações da Banca do Brasil e de outras instituições, jóias, dinheiro amoldado, livros, — tudo finalmente passava às mãos do Rubião [...]. Uma só condição havia no testamento, a de guardar o herdeiro consigo o seu pobre cachorro *Quincas Borba*, nome que lhe deu por motivo da grande afecção que lhe tinha. Exigia da dita Rubião que o tratasse como se fosse a ele próprio testador, nada poupando em seu benefício, resguardando-a de molestias, de fugas, de roubo ou de morte que lhe quisessem dar por maldade; cuidar finalmente como se não fosse, mas pessoa humana.

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2012.

Rubião se muda de Barbacena para o Rio de Janeiro; agora, quer desfrutar do dinheiro recebido. Durante tal viagem de trem, conhece o casal Sofia e Cristiano Palha, para os quais conta inocentemente sobre a fortuna que herdara. O casal se entreolha: era a situação perfeita; logo, oferecem companhia e ajuda amistosa.

Sofia Palha era uma mulher belíssima e gostava de ser desejada. Logo, torna-se alvo do desejo de Rubião. Cristiano, ao saber do interesse de Rubião por sua esposa, sente-se dividido entre o ciúme e a conquista fácil de prestígio social. Sofia já não poupa esforços para seduzir Rubião – astuciosamente, dribla o interesse do moço avançando e recuando nos courtijos – e ainda consegue manter intacto seu casamento.

— Meu Deus! como é bonita! Sinto-me capaz de fazer um escândalo continuava a pensar o Rubião, encostado à janela, de costas para fora, com os olhos esquecidos na bela dama, que alhava para ele.

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2012.

Cristiano Palha oferece a Rubião sociedade em uma casa de importação, a “Palha e Cia”. O afortunado ainda recuou por algum tempo, mas aceitou logo que Sofia, de forma dissimulada, insistiu no acordo.

Sofia (dona astuta) recolheu-se à inconsciência do homem, respeitosa da liberdade moral, e deixou-o resolver por si mesmo que entraria de sócio com o marido, mediante certas cláusulas de segurança. Foi assim que se fez a sociedade comercial; assim é que Rubião legalizou a assiduidade das suas visitas.

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2012.

Rubião é explorado e caminha rumo à derrota. Sua riqueza se esvai nas mãos de aproveitadores, momento no qual ele assume seus delírios de grandeza, com "suas ideias tortas e confusas"; torna-se imperador Napoleão III, vai a campos de batalha, entra em transe e se lembra de Quincas Borba e de sua teoria.

Espalhou-se a nova da mania de Rubião. Alguns, não o encontrando nas horas do delírio, faziam experiências, a ver se era verdadeiro a boato; encaminhavam a conversação para os negócios da França e do imperador. [...]

Passaram-se alguns meses, veio a guerra franco-prussiana, e as crises de Rubião tornaram-se mais agudas e menos espaçadas. [...]

A queda de Napoleão III foi para ele a captura do Rei Guilherme, a revolução de 4 de Setembro um banquete de bonapartistas. [...]

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2012.

Rubião vai à filência, adoece e é abandonado por todos que o cercavam, exceto pelo cachorro Quincas Borba. Por fim, o protagonista é internado em um asilo, de onde foge para retornar a Barbacena, e, durante a exposição a uma chuva, contrai pneumonia e morre. O cachorro Quincas Borba sai à procura de seu dono e morre três dias depois.

No último capítulo do livro, há um diálogo do narrador com o leitor – uma das marcas da literatura de Machado de Assis.

CAPÍTULO CCI

Queria dizer aqui o fim da Quincas Borba, que adoeceu também, ganiu infinitamente, fugiu desvairado em busca do dono, e amanheceu morto no rio, três dias depois. Mas, vendo a morte do cão narrada em capítulo especial, é provável que me perguntes se ele, se a seu defunto homônimo é que dá o título ao livro, e por que antes um que outro, – questão preme de questões, que nos levariam longe... E aí! chora os dois recentes mortos, se tens lágrimas. Se só tens riso ri-te! É a mesma coisa. O Cruzeiro, que a linda Sofia não quis filiar, como lhe pedia Rubião, está assaz alto para não discernir as risas e as lágrimas dos homens.

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2012.

Humanitismo: a teoria das batatas

O Humanitismo, a teoria criada por Quincas Borba, aparece, inicialmente, em *Memórias póstumas de Brás Cubas* como "um novo sistema de filosofia". Tratava-se de ideias compiladas "em quatro volumes manuscritos, de cem páginas cada um" – uma mistura das teorias científicas da época, articuladas pelo narrador com tom irônico. Segundo o filósofo Quincas Borba, Humanitas ou Humanitismo é "o princípio das coisas" e pode explicar tudo – é um darwinismo caricato impregnando sua visão de mundo e do homem. Com essa teoria, os meios para garantir a sobrevivência na sociedade tornam-se justificáveis; assim, uma guerra para determinar qual é o elo mais forte da cadeia chega a ser uma necessidade.

Quincas Borba cria uma alegoria para explicar seu sistema filosófico:

164 Português

ATENÇÃO!

Já é sabido que o século XIX foi regado por concepções e esquemas deterministas que visavam a explicar as relações sociais. Na ficção de Machado de Assis, a teoria de Quincas Borba – o Humanitismo – tem bases explícitas na teoria darwiniana (de que "os mais aptos sobrevivem"), conforme pode ser visto no trecho a seguir, escrito pelo próprio Darwin:

Tudo a que podemos fazer é lembrar-nos a todo o momento que todos os seres organizados se esforçam continuamente por se multiplicar segundo uma progressão geométrica; que cada um deles em certos períodos da vida, durante certas estações do ano, no decurso de cada geração ou em certos intervalos, deve lutar pela existência e estar exposto a uma grande destruição. O pensamento desta luta universal provoca tristes reflexões, mas podemos consolar-nos com a certeza de que a guerra não é incessante na natureza, que o medo é desconhecido, que a morte está geralmente pronta, e que são os seres vigorosos, sãos e felizes que sobreviverão e se multiplicarão.

DARWIN, Charles. *A origem das espécies*. Paul, Joaquim da Mesquita (Trad.). Porto: Lello & Irmão, 2003.

Mesmo não sendo da vontade de seu autor, a teoria da adaptação de Darwin se estendeu para justificar o capitalismo e seus efeitos. Racionalizando, os "mais aptos" da sociedade receberiam as benesses do sistema, e seriam ignoradas as circunstâncias que rebaixariam os outros membros à precariedade em educação e saúde, por exemplo. Estaria justificada a elevada "aptidão" de uns sobre os outros. Diante desse raciocínio, Rubião fica sem as filosóficas batatas.

— Não há morte. O encontro de duas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é a condição da sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum. Daí o caráter conservador e benéfico da guerra. Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transportar a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é agradável ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2012.

Analisando essa teoria com base no romance de que ela faz parte, temos, de um lado, Rubião, com sua fortuna e ingenuidade e, do outro, o casal Palha e os outros usurpadores, com ganância e astúcia; na guerra pela sobrevivência, os aptos são os golpistas, já Rubião é o mais frágil e "perde as batatas", sucumbindo à loucura até sua morte.

Capítulo 7 Realismo: a desconstrução romântica

Olhou para o cão, enquanto esperava que lhe abrissem a porta. O cão olhava para ele, de tal jeito que parecia estar ali dentro o próprio e defunto Quincas Borba; era o mesmo olhar meditativo do filósofo, quando examinava negócios humanos [...] mas então os olhos do cão, meio fechados de gosto, tinham um ar dos olhos do filósofo, na cama, contando-lhe coisas de que ele entendia pouco ou nada.

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2012.

Uma leitura plausível é a de que o cachorro é o prolongamento do homem, uma projeção – por meio da prosopopeia – do filósofo; uma metamorfose para explicar o Humanismo.

Se eu morrer antes, como presumo, sobreviverei no nome do meu bom cachorro. Ris-te, não?

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2012.

Anexo III – Transmissão de *Quincas Borba*, de Machado de Assis, na Apostila Etapa 3 Português

21 Brás Cubas relata que “foi assim que me encaminhei para a ‘undiscovered country’ de Hamlet, sem as ânsias nem as dúvidas do moço príncipe, mas pausado e trôpego como quem se retira tarde do espetáculo”. Neste, como em diversos outros momentos, Machado de Assis utiliza-se do recurso da:

a) metalinguagem
b) religiosidade
c) linguagem intersemiótica
d) intertextualidade
e) polifonia

22 Cite uma outra passagem deste capítulo em que o autor se utiliza desse mesmo recurso.

23 Considerando seu conhecimento geral da obra, indique:

a) quem era a “terceira senhora” presente ao seu enterro.
b) por que ela padecia por vê-lo morto.
c) por que não convinha a ela aparentar esse sofrimento.
d) qual a “idéia grandiosa e útil” a que se refere o narrador no final do capítulo.

24 Em relação ao capítulo LV – “O Velho Diálogo entre Adão e Eva” – só não podemos afirmar que:

a) os sinais de pontuação adquirem nesse contexto um significado novo.
b) o título é fundamental para uma correta interpretação do capítulo.
c) o autor julgou desnecessário dizer, bastou-lhe sugerir o diálogo ao leitor.
d) o texto revela-se como potencialmente erótico.
e) revela a tendência machadiana para a metalinguagem e a intertextualidade.

Releia o último capítulo – “Das Negativas” – e a seguir responda as questões de 25 a 30.

25 Ao se referir a sua frustrada tentativa do emplasto, Brás assim se expressa: “Divino emplasto, tu me darias o primeiro lugar entre os homens, acima da ciência e da riqueza”. Isso mostra que o narrador:

a) buscou fazer o bem ao próximo, pois procurava aliviar o sofrimento humano.
b) colocou a pesquisa científica acima de qualquer interesse pecuniário.
c) procurou conciliar o interesse científico com sua profunda ambição.
d) sua atitude filantrópica não passou de uma máscara, pois buscou acima de tudo a notoriedade.
e) o emplasto, um misto de alquimia e ciência, foi seu último projeto para alcançar à riqueza.

26 Retire do texto um exemplo de *antítese*.

27 Nesse capítulo o narrador faz a “contabilidade” da sua vida, ou seja, elabora o “balanço” de sua existência. Reescreva as passagens que sugerem essa idéia ao leitor.

28 Em relação à frase final do livro – “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria” –, indique:

a) qual a idéia, muito em voga na época realista-naturalista, que o verbo *transmitir* sugere.
b) o sentido da palavra *legado*.
c) a extensão da conclusão do narrador, a partir do uso do pronome possessivo *nossa*.
d) a que se refere o narrador com o substantivo *miséria*.

29 Comente a razão do título: “Das Negativas”.

30 Comente como o desfecho de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* pode ser interpretado como expressão de *niilismo*.

• *Quincas Borba*: segundo romance da melhor fase machadiana. Rubião herda toda a fortuna do filósofo fundador do Humanitismo, com a única condição de tomar conta do cão que recebera o seu nome: Quincas Borba. De posse da fortuna, Rubião sai de

Barbacena rumo à corte. Na viagem, conhece Sofia e seu marido Cristiano Palha. Rubião torna-se verdadeiramente amigo de Cristiano Palha, mas apaixona-se irremediavelmente por Sofia. Esperta, astuta e interessada, Sofia não lhe dá esperanças, mas não as retira. Enquanto isso, Cristiano Palha, através de artimanhas comerciais, toma toda a fortuna de Rubião. Ao final, sem o afeto de Sofia e sem fortuna, retorna a Barbacena em companhia de Quincas Borba, o cão.

Narrado em terceira pessoa, é considerado seu romance mais objetivo. A narração situa-se no real e o autor para acima dos personagens – o narrador é onisciente e intruso, pois ele vem frequentemente a procênio para conversar com o leitor ou, algumas vezes, penetrar em alguma personagem para analisar a parcela do real que lhe cabe.

Retrata com técnica perfeita o painel social da época, obtida pelo desenvolvimento gradativo do enredo, pela evolução dos acontecimentos no tempo, ou ainda pela revelação progressiva do caráter e das ações das personagens.

O texto a seguir – o capítulo VI – representa um dos momentos mais célebres do romance, em que se faz a exposição da doutrina do Humanitismo.

“Para entenderes bem o que é a morte e a vida, basta contá-lo. Como morreu minha avó.

– Como foi?

– Sentá-lo.

Rubião obedeceu, dando ao rosto o maior interesse possível, enquanto Quincas Borba continuava a andar.

– Foi no Rio de Janeiro, começou ele, defronte da Capela Imperial, que era então Real, em dia de grande festa; minha avó saiu, atravessou o adro, para ir ter à cadeirinha, que a esperava no largo do Paço. Gente como formiga. O povo queria ver entrar as grandes senhoras nas suas ricas traquinanas. No momento em que minha avó saía do adro para ir à cadeirinha, um pouco distante, aconteceu espantar-se uma das bestas de uma sege; a besta disparou, a outra imitou-a, confusão, tumulto, minha avó caiu, e tanto as mulas como a sege passaram-lhe por cima. Foi levada em braços para uma botica da rua Direita, veio um sangrador, mas era tarde; tinha a cabeça rachada, uma perna e ombro partidos, era toda sangue; expirou minutos depois.

– Foi realmente uma desgraça, disse Rubião.

– Não.

– Não?

– Ouve o resto. Aqui está como se tinha passado o caso. O dono da sege estava no adro, e tinha fome, muita fome, porque era tarde, e almoçara cedo e pouco. Dali pôde fazer sinal ao cocheiro; este fustigou as mulas para ir buscar o patrão. A sege no meio do caminho achou um obstáculo e derrubou-o; esse obstáculo era minha avó. O primeiro ato dessa série de atos foi um movimento de conservação: Humanitas tinha fome. Se em vez de minha avó, fosse um rato ou um cão, é certo que minha avó não morreria, mas o fato era o mesmo; Humanitas precisa comer. Se em vez de um rato ou de um cão, fosse um poeta, Byron ou Gonçalves Dias, diferia o caso no sentido de dar matéria a muitos necrológicos; mas o fundo subsistia. O universo ainda não parou por lhe faltarem alguns poemas mortos em flor na cabeça de um varão ilustre ou obscuro; mas Humanitas (e isto importa, antes de tudo), Humanitas precisa comer.

Rubião escutava, com a alma nos olhos, sinceramente desejoso de entender; mas não dava pela necessidade a que o amigo atribuía a morte da avó. Seguramente o dono da sege, por muito tarde que chegasse à casa, não morria de fome, ao passo que a boa senhora morreu de verdade, e para sempre. Explicou-lhe, como pôde, essas dúvidas, e acabou perguntando-lhe:

– E que Humanitas é esse?

– Humanitas é o princípio. Mas não, não digo nada, tu não és capaz de entender isto, meu caro Rubião, falemos de outra coisa.

– Diga sempre.

Quincas Borba, que não deixara de andar, parou alguns instantes.

– Queres ser meu discípulo?

– Quero.

– Bem, irás entendendo aos poucos a minha filosofia; no dia em que a houveres penetrado inteiramente, ah! nesse dia terás o maior prazer da vida, porque não há vinho que embriague como o

verdade. Crê-me, o Humanitismo é o remate das coisas; e eu, que o formulei, sou o maior homem do mundo. Olha, vê como o meu bom Quincas Borba está olhando para mim? Não é ele, é Humanitas...

– Mas que Humanitas é esse?

– Humanitas é o princípio. Há nas coisas todas certa substância recôndita e idêntica, um princípio único, universal, eterno, comum, indivisível e indestrutível. – ou, para usar a linguagem do grande Camões:

Uma verdade que nas coisas anda,

Que mora no visível e invisível.

Pois essa substância ou verdade, esse princípio indestrutível é que é Humanitas. Assim lhe chamo, porque resume o universo, e o universo é o homem. Vais entendendo?

– Pouco; mas, ainda assim, como é que a morte de sua avó...

– Não há morte. O encontro de duas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente não há morte, há vida, porque a supressão não atinge o princípio universal e comum. Daí o caráter conservador e benéfico da guerra. Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transportar a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; e a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.

– Mas a opinião do exterminado?

– Não há exterminado. Desaparece o fenômeno; a substância é a mesma. Nunca viste ferver água? Há de lembrar-te que as bolhas fazem-se e desfazem-se do contínuo, e tudo fica na mesma água. Os indivíduos são essas bolhas transitórias.

– Bem: a opinião da bolha...

– Bolha não tem opinião. Aparentemente, há nada mais triste do que uma dessas terríveis pestes que devastam um ponto do globo? E, todavia, esse suposto mal é um benefício, não só porque elimina os organismos fracos, incapazes de resistência, como porque dá lugar à observação, à descoberta da droga curativa. A higiene é filha de podridões seculares; devemos-las a milhões de corrompidos e infectos. Nada se perde, tudo é ganho. Repito, as bolhas ficam na água. Vês este livro? É *Dom Quixote*. Se eu destruir o meu exemplar, não elimino a obra que continua eterna nos exemplares subsistentes e nas edições posteriores. Eterna e bela, belamente eterna, como este mundo divino e supradivino.*

31 O texto anterior é, essencialmente:

- narrativo.
- descritivo.
- narrativo, mas com uma breve descrição de época.
- descritivo-dissertativo, pois além do quadro de época há também a exposição de uma doutrina.
- narrativo-dissertativo.

32 Assinale a alternativa que não condiz com o episódio da morte da avó de Quincas Borba:

- Este utiliza o episódio para ilustrar sua filosofia, o Humanitismo.
- Se, em vez da morte de sua avó, fosse a morte de um homem ilustre, o fato teria outro sentido, pois a repercussão da tragédia teria sido muito maior.
- Quincas comenta o fato como tendo sido decorrente de uma lei natural.
- Rubião não entendeu o episódio da mesma forma que o amigo.
- A filosofia de Quincas Borba se apóia, entre outras coisas, no instinto de sobrevivência que rege a existência humana.

33 Comente como, ao ilustrar sua filosofia com o exemplo das tribos famintas e do campo de batatas, Quincas Borba chega a uma conclusão paradoxal.

34 Em certo momento, o narrador dá a entender que Quincas sofre de algum tipo de desequilíbrio, ou seja, parece associar essas idéias a um homem cuja sanidade pode ser posta em dúvida. Transcreva a passagem do texto em que isto se evidencia.

35 Embora Quincas apresente suas idéias como extremamente originais, um leitor razoavelmente informado logo perceberá que ele se apropria de idéias alheias, “maquiando-as”. Indique, a partir de seus conhecimentos, a provável origem das idéias do criador do Humanitismo.

36 Devido à dificuldade de entendimento de suas abstrações por parte de Rubião, que recursos Quincas Borba utilizou para se fazer entender?

• *Dom Casmurro*: Bentinho (Dom Casmurro) e Capitu cresceram juntos e desde cedo trocam confidências como verdadeiros irmãos. A mãe do jovem sonhava vê-lo padre, e teria seus sonhos realizados se não fosse o empenho de Capitu, do agregado José Dias e do amigo Escobar. Bentinho e Capitu finalmente se casam. Transcorre um período sem filhos, nutridos na solidão pela companhia de Escobar e Sancha, sua mulher. Até que lhes nasce um filho, Ezequiel. Bentinho, com o passar do tempo, vai notando que Ezequiel apresenta cada vez mais características do amigo. Escobar morre, e Bentinho parece ver no olhar de Capitu a confissão da culpa. Resolve expulsar de casa a mulher e o filho. Capitu morre, alguns anos depois, na Europa.

Rubião encontra mais uma vez o filho, agora homem e cada vez mais “porcido” com Escobar. Ezequiel dedica-se a estudos de arqueologia, parte para a Palestina e lá morre, vitimado por febre tifóide.

O romance é escrito em primeira pessoa, elaborado de maneira retrospectiva. Em todo o processo narrativo, o autor mais sugere que afirma – pelo fato de o narrador perceber somente uma parcela do real, e é nessa parcela que o romance é desenvolvido.

Os dois capítulos seguintes têm o mesmo título: “Olhos de Ressaca”, referindo-se aos olhos de Capitu. Deve-se observar a perfeita sondagem psicológica do narrador. No primeiro, os olhos de Capitu envolvem Bento, atraindo-o irremediavelmente. No segundo, indiretamente os olhos denunciam a traição da mulher e confirmam as suspeitas de Bento – Capitu fica apaixonadamente o defunto Escobar.

Capítulo XXXII

Olhos de Ressaca

Tudo era matéria às curiosidades de Capitu. Caso houve, porém, no qual não sei se aprendeu ou ensinou, ou se fez ambas as coisas, como eu. É o que contarei no outro capítulo. Neste direi somente que, passados alguns dias do ajuste com o agregado, fui ver a minha amiga; eram dez horas da manhã. D. Fortunata, que estava no quintal, nem esperou que eu lhe perguntasse pela filha.

– Está na sala, penteando o cabelo, disse-me; vá devagarzinho para lhe pregar um susto.

Fui devagar, mas ou o pé ou o espelho traiu-me. Este pode ser que não fosse; era um espelhinho do pataca (perdoai a barateza), comprado a um mascate italiano, moldura tosca, argolinha de latão, pendente da parede, entre as duas janelas. Se não foi ele, foi o pé. Um ou outro, a verdade é que, apenas entrei na sala, pente, cabelos, toda ela voou pelos ares, e só lhe ouvi esta pergunta:

– Há alguma cousa?

– Não há nada, respondi; vim ver você antes que o Padre Cabral chegue para a lição. Como passou a noite?

– Eu bem. José Dias ainda não falou?

– Parece que não.

– Mas então quando fala?

– Disse-me que hoje ou amanhã pretende tocar no assunto; não vai logo de pancada, falará assim por alto e por longo, um toque. Depois, entrará em matéria. Quer primeiro ver se mamãe tem a resolução feita...

– Que tem, tem, interrompeu Capitu. E se não fosse preciso alguém para vencer já, e de todo, não se lhe falaria. Eu já nem

Anexo IV – Transmissão de *Quincas Borba*, de Machado de Assis, na Apostila COC Linguagens e Códigos - Pré-vestibular - Língua Portuguesa 4: Romantismo e Realismo

Romantismo e Realismo

Com efeito, um dia de manhã, estando a passear na chácara, pendurou-se-me uma idéia no trapézio que eu tinha no cérebro. Uma vez pendurada, entrou a bracejar, a pernear, a fazer as mais arrojadas cabriolas de volatin, que é possível crer. Eu deixei-me estar a contemplá-la. Súbito, deu um grande salto, estendeu os braços e as pernas, até tomar a forma de um X: decifra-me ou devoro-te.

Essa idéia era nada menos que a invenção de um medicamento sublime, um emplasto anti-hipocondriaco, destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade. Na petição de privilégio que então redigi, chamei a atenção do governo para esse resultado, verdadeiramente cristão. Todavia, não neguei aos amigos as vantagens pecuniárias que deviam resultar da distribuição de um produto de tamanhos e tão profundos efeitos. Agora, porém, que estou cá do outro lado da vida, posso confessar tudo: o que me influiu principalmente foi o gosto de ver impressas nos jornais, mostradores, folhetos, esquinas, e enfim nas caixinhas do remédio, estas três palavras: Emplasto Brás Cubas. Para que negá-lo? Eu tinha a paixão do arruído, do cartaz, do foguete de lágrimas. Talvez os modestos me arguam esse defeito; fio, porém, que esse talento me não de reconhecer os hábeis. Assim, a minha idéia trazia duas faces, como as medalhas, uma virada para o público, outra para mim. De um lado, filantropia e lucro; de outro lado, sede de nomeada. Digamos: – amor da glória.

Um tio meu, cônego de prebenda inteira, costumava dizer que o amor da glória temporal era a perdição das almas, que só devem cobiçar a glória eterna. Ao que retorquia outro tio, oficial de um dos antigos terços de infantaria, que o amor da glória era a causa mais verdadeiramente humana que há no homem, e, conseqüentemente, a sua mais genuína feição.

Decida o leitor entre o militar e o cônego; eu volto ao emplasto.

Quincas Borba (1891)

Neste romance, narrado em terceira pessoa, ressurgiu a personagem Quincas Borba, filósofo maluco, amigo de Brás Cubas que já aparecera no primeiro romance. Recebendo uma herança, Quincas morreu louco e a deixou para Rubião, um amigo que cuidava dele onde morava, em Barbacena, Minas Gerais.

Junto com o dinheiro, deixou também um cachorro, que tinha o mesmo nome do dono. De posse da fortuna, Rubião aproveitou-a, mudando-se para o Rio de Janeiro. Ali, conheceu um casal de operários, Cristiano e Sofia Palha. Enquanto ela seduzia Rubião com promessas de veladas e nunca cumpridas, o marido, em texto de aplicações, apropriava-se de sua fortuna. Rubião, pobre e louco de amor, foi para Barbacena, onde morreu, acompanhado unicamente do cão.

Desenvolve-se aqui uma doutrina, cujas bases já tinham aparecido em *Memórias Póstumas*: o Humanitismo, a filosofia de Quincas Borba. Trata-se de uma grande paródia das teorias científicas do século XIX, particularmente do Positivismo e do Evolucionismo. Baseando-se na máxima “Ao vencedor, batatas”, a doutrina mostra a luta pela sobrevivência como o principal motor das ações humanas; através dela, todos os nossos gestos são justificados, bem como ações mais terríveis e nefastas.

A paródia é tanto mais acentuada quanto se percebe que, sendo uma apologia da luta humana, é adotada por personagens que fazem para obter sucesso na vida: Brás Cubas, Quincas Borba e Rubião. Os três não herdam por herança; não exercem nenhum grande poder sobre o dinheiro que possuem; não desenvolvem nenhuma atividade produtiva conseqüente. E, acima de tudo: seu sucesso é apenas aparente. Terminam solitários suas existências mediocres. A teoria explica e justifica o sucesso humano, mas não o ser o que é: vazia, porque esse sucesso é iluzório. A busca da racionalidade das ações humanas conduziu as personagens que adotaram a doutrina do Humanitismo à situação inversa da Razão: a loucura. Um dos capítulos finais do livro mostra exatamente o enlouquecimento de Rubião.

Foi a comadre do Rubião, que o agasalhou em casa, ao cachorro, vendo-os passar defronte da porta. Rubião conheceu-a, aceitou o abrigo e o almoço.

Romantismo e Realismo

– Mas o que é isso, seu compadre? Como foi que chegou assim? Sua roupa está toda molhada. Vou dar-lhe umas calças de meu sobrinho.

Rubião tinha febre. Comeu pouco e sem vontade. A comadre pediu-lhe contas da vida que passara na Corte, ao que ele respondeu que levaria muito tempo, e só a posteridade a acabaria. Os sobrinhos de seu sobrinho, concluiu ele magnificamente, é que não de ver-me em toda a minha glória. Começou, porém, um resumo. No fim de dez minutos, a comadre não entendia nada, tão desconcertados eram os fatos e os conceitos; mais cinco minutos, entrou a sentir medo. Quando os minutos chegaram a vinte, pediu licença e foi a uma vizinha dizer que Rubião parecia ter virado o juízo. Voltou com ela e um irmão, que se demorou pouco tempo e saiu a espalhar a nova. Vieram vindo outras pessoas, às duas e quatro, e, antes de uma hora, muita gente espiava da rua.

– Ao vencedor, as batatas!... – bradava Rubião, aos curiosos. Aqui estou imperador! Ao vencedor, as batatas!

Esta palavra obscura e incompleta era repetida na rua, examinada sem que lhe dessem com o sentido. Alguns antigos desafetos do Rubião iam entrando, sem cerimônia, para gozá-lo melhor; e diziam à comadre que não lhe convinha ficar com um doudo em casa, era perigoso; devia mandá-lo para a cadeia, até que a autoridade o remetesse para outra parte. Pessoa mais compassiva lembrou a conveniência de chamar o doutor.

– Doutor para quê? acudiu um dos primeiros. Este homem está maluco.

– Talvez seja delírio de febre; já viu como está quente?

Angélica, animada por tantas pessoas, tomou-lhe o pulso, e achou-o febril. Mandou vir o médico, – o mesmo que tratara o finado Quincas Borba. Rubião conheceu-o também; e respondeu-lhe que não era nada. Capturara o rei da Prússia, não sabendo ainda se o mandaria fuzilar ou não; era certo, porém, que exigiria uma indenização pecuniária enorme, – cinco bilhões de francos.

– Ao vencedor, as batatas! concluiu rindo.

Esse enlouquecimento se deu, entre outros motivos, por um amor não correspondido. Dessa forma, pode-se perceber certa referên-

cia satírica ao sentimentalismo romântico. O tema da loucura sempre impressionou Machado de Assis, que voltou a ele muitas vezes em seus contos. Da mesma forma, a solidão humana parece ser o fim de todas as vidas, em uma perspectiva pessimista que era mesmo uma das características da obra machadiana.

Dom Casmurro (1899)

Se partirmos do pressuposto de que uma das propostas básicas do Realismo era a busca da Verdade, teremos neste romance um dos mais sérios questionamentos às bases realistas. De fato, nele, a Verdade é algo inatingível.

O narrador, Bento Santiago, com sessenta anos de idade, resolve contar a história de sua vida, para, como ele diz, “atar as duas pontas da vida” e tentar justificar, a partir de uma retomada da infância, o temperamento reservado e ensimesmado que adquiriu na velhice. A infância, de fato, foi uma época importante para ele, porque nela conheceu a grande paixão de sua vida, Capitu, sua vizinha. A diferença social – Bentinho era rico, e Capitu, no máximo, remediada – não impediu o crescimento da amizade entre as duas crianças. Desse sentimento para a paixão foi um passo curto que ele, sempre tímido e inseguro, deu com o auxílio da amada.

Filho único de uma mulher viúva, D. Glória, Bentinho foi criado dentro de estrita obediência à mãe. A ameaça desta, de fazê-lo padre, em cumprimento de uma antiga promessa, pôs em risco a realização dos planos de casamento dos dois namorados. Bentinho chegou a ser enviado a um seminário. Ali, conheceu Escobar, que se transformaria em seu melhor amigo. Juntos, conseguiram convencer os pais da sua total falta de vocação sacerdotal. Livraram-se da batina e puderam seguir suas carreiras: Bentinho foi estudar em São Paulo, e Escobar foi fazer Escola de Comércio.

Dois anos depois de formados, casaram-se: Bentinho com Capitu, e Escobar com Sancha, grande amiga da primeira, que co-

Anexo V – Transmissão de *Quincas Borba*, de Machado de Assis, na Apostila Pré-vestibular Português Livro 3 Sistema de Ensino Poliedro

Em seu delírio, Brás Cubas dá-nos a conhecer fatos de sua vida: Marcela, a prostituta com quem tem as primeiras experiências sexuais, aos 17 anos. Para contentá-la, gasta sem ter dinheiro, empenhando a futura fortuna que seria herdada com o falecimento do pai. Descoberta a trama, o narrador observa: “**Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis**”.

Brás Cubas irá estudar na Europa, voltará algum tempo depois de formado porque a mãe está entre a vida e a morte. O pai quer fazê-lo político e, para tanto, aproxima-o de Virgília, filha do Conselheiro Dutra, homem influente e bem-relacionado. O plano fracassa. Lobo Neves é escolhido para substituí-lo e Virgília se casa com o rapaz. Brás Cubas se aproxima do casal e toma Virgília como amante.

Nesse romance, aparecerá pela primeira vez a figura inesquecível de *Quincas Borba*, cujo romance homônimo aparecerá em 1891.

Quincas Borba (1891)

É o segundo romance da famosa trilogia de Machado de Assis (*Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro*) que forma a sequência da “obra madura” do autor, e é o único dos três a ser narrado em terceira pessoa.

Quincas Borba, personagem que já aparecera anteriormente no romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, rapaz muito inteligente e bem falante, transformara-se em mendigo – para o espanto de Brás –, roubara-lhe um relógio de família e desaparecera, repentinamente, nos degraus da igreja de São Francisco, onde habitava.

Ganhara uma grande fortuna e fora morar em Barbacena. No entanto, antes que isso ocorresse, contara a Brás Cubas a sua teoria sobre o “Humanitas”, a qual tinha como lema “Ao vencedor, as batatas!”.

Naquela cidade mineira, o cachorro de *Quincas Borba* recebeu o mesmo nome do dono. Um enfermeiro e professor chamado Rubião passa a trabalhar para *Quincas*. Com a morte deste, Rubião, em companhia do cachorro (cuidar do cachorro era uma das exigências do testamento de *Quincas Borba*), vai para o Rio de Janeiro.

Provinciano, crédulo, conhece, ainda no trem para o Rio de Janeiro, Sofia e seu marido Palha. Rubião apaixona-se e é enganado por ambos, que lhe arrancam toda a fortuna e o intemam em um hospício carioca. Foge para morrer em Barbacena; o cachorro morre pouco depois. Leia os dois capítulos finais do romance.

Capítulo CC

Porcos dias depois morreu... Não morreu súbito nem vencido. Antes de principiar a agonia, que foi curta, pôs a coroa na cabeça, – uma coroa que não era, ao menos, um chapéu velho ou uma bacia, onde os espectadores palpassem a ilusão. Não, senhor; ele pegou em nada, levantou nada e cingiu nada; só ele via a insígnia imperial, pesada de ouro, rútila de brilhantes e outras pedras preciosas. O esforço que fizera para erguer meio corpo não durou muito; o corpo caiu outra vez; o rosto conservou parentura uma expressão gloriosa.

– Guardem a minha coroa, murmurou. Ao vencedor...

A cara ficou séria, porque a morte é séria; dois minutos de agonia, um trejeito horrível, e estava assinada a abdicação.

Machado de Assis. *Quincas Borba*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. (Obra completa. v. I.).

Capítulo CCI

Queria dizer aqui o fim do Quincas Borba, que adoeceu também, ganiu infinitamente, fugiu desviado em busca do dono, e amanheceu morto na rua, três dias depois. Mas, vendo a morte do cão narrado em capítulo especial, é provável que me perguntes se ele, se o seu defunto homônimo é que dá o título ao livro, e por que antes um que outro, – questão preñhe de questões, que nos levariam longe... Eial chora os dois recentes mortos, se tens lágrimas. Se só tens riso, ri-te! É a mesma coisa. O Cruzeiro, que a linda Sofia não quis fitar como lhe pedia Rubião, está assaz alto para não discernir os risos e as lágrimas dos homens.

Machado de Assis. *Quincas Borba*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. (Obra completa. v. I.).

Bom observar que a ironia, o humor e o pessimismo, quanto a como se comporta a humanidade (a própria teoria do Humanitas), são as características mais intensas, mas grandiosa é a observação da alma humana que Machado promove com a participação do narrador. As ideias (no caso a teoria sobre Humanitas, o ser humano) acabam sendo transmitidas, enlouquecem pessoas, tal como acontece com Rubião, personagem que passa a ser uma espécie de *alter ego* do próprio *Quincas Borba*.

Dom Casmurro (1899)

O romance é composto de 148 capítulos curtos e tem como tema o adultério. O narrador trabalha sob a *égide* de Otelo, o ciumento que Shakespeare criou em peça homônima. No entanto, um adultério que não pode ser comprovado na história, posto que o narrador não nos deixará pista certa do sim ou do não, mas apenas indícios.

Nele, aparecerão as personagens mais importantes e conhecidas dos romances realistas brasileiros: Bento Santiago (o Bentinho) e Capitulina (a Capitu de **olhos de ressaca, olhos de cigana oblíqua e dissimulada**).

O texto é escrito em 1ª pessoa e é um depoimento amplo sobre a vaidade masculina, as desconfiças do ponto de vista machista, apresentando estrutura circular quanto à temporalidade: começa quando Bento Santiago, um **sisudo** advogado de 50 anos, resolve escrever um livro para “**atar as duas pontas da vida**”, e termina quando, contada a história, cumpre-se o círculo narrativo: eis Bento Santiago velho, sozinho, sem ninguém que o ame ou a quem possa amar.

É um romance construído para leitura atenta e minuciosa porque, sendo seu narrador a personagem principal, nos envolverá como testemunhas. Sua ótica é, dessa forma, parcial. Terminada a leitura, uma interrogação pairará no ar: Ezequiel é filho de Escobar? Capitu traiu Bentinho? Há mais de cem anos os leitores procuram uma impossível resposta que sustente a narrativa.

O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mais falta eu mesmo, e esta lacuna

égide: proteção, modelo; **sisudo**: sério, lechado, ensimesmado.